

RESENHA

"GENDER TROUBLE": outra perspectiva de compreensão do Gênero

Karla Adriana Martins Bessa*

Pensar sobre gênero e as diferentes maneiras como ele atua e interfere em nossas vidas não é algo novo. Principalmente a partir do anos 70 houve uma proliferação significativa de teses acadêmicas e/ou políticas que envolviam tanto o uso atual do termo Gênero, quanto a tentativa de determinar o seu campo de preocupações e atuações. De lá para cá, muitas polêmicas surgiram e, não cabe aqui historiar cada uma delas. Os frutos destas divergências não são apenas saborosos como também, se assim podemos dizer, mais "maduros". O livro de J. Butler, **Gender Trouble: feminism and subversion of identity**¹, não é o que se tem de mais recente em termos de publicações mas, dado à originalidade das questões levantadas e à restrita circulação entre pesquisadores que se interessam pelo tema, não deixa de ser uma novidade.²

Butler inicia o livro apontando o principal receio do feminismo atual quanto à abordagem que privilegia o uso da categoria de gênero, qual seja, o medo de que a indeterminação do sujeito fundante do movimento feminista (a mulher) inviabilize a luta política que vem sendo travada contra a discriminação sexual. Enquanto para outras autoras esta questão figura de forma marginal, Butler leva a sério a necessidade de apresentar além dos mecanismos que constituem gênero, sexo,

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

¹ BUTLER, Judith: *Gender Trouble: feminism and the susion of identity*ver. New York, Routledge, Champman & Hall, 1990.

² A sugestão de divulgar esta obra veio do Grupo de Estudos do Pagu, onde realizamos uma primeira leitura, momento no qual emergiram várias reflexões que espero estejam, de alguma forma, contempladas aqui.

"Gender trouble"

desejo, como naturalmente dados, as diferentes possibilidades de disjunções, de subversão destas identidades já solidamente enraizadas em nossa cultura ocidental. Embora o sujeito coletivo universal deixe de ser o principal referencial, a saída não se encontra na direção inversa, ou seja, nas práticas individuais, pois, não se trata de uma recaída neo-liberal, como deixa bem claro as exposições de Butler. O respeito às diferenças não significa a nulidade de limites ou parâmetros ético-morais, contudo, implica em pensar a auteridade fora da polarização homem-mulher.

O que torna a leitura do texto de Butler às vezes árdua é que, para dar prosseguimento às suas reflexões, a autora recorre a uma heterogeneidade de interlocutores, dos mais variados ramos do saber (psicanalistas, literatos, antropólogos, e filósofos) e de diferentes posições e perspectivas políticas buscando sempre argumentar em favor de uma nova concepção de gênero, poder, subjetividade, práticas políticas, reiterando a primazia da cultura e da história na constituição dos nossos corpos, fantasias, representações, vaidades, condutas,

A autora lida com alguns senso-comuns das teorias de gênero de uma maneira tal que se assemelha àqueles que transformam uma cena/paisagem banal em pura poesia. O que quero dizer é que, Butler não fala apenas ao intelecto, ao logos, quando enfrenta problemáticas teóricas e/ou políticas, fala também à intuição, atíça nossa sensibilidade convidando-a, imperceptivelmente, a se deslocar de velhos territórios. Em outras palavras, tudo o que foi dito até então sobre o texto de Butler soa familiar a quem já se iniciou neste debate a partir da leitura dos artigos de outra americana, a historiadora Joan Scott. No entanto, a grande contribuição de Butler talvez esteja justamente na formulação do que a autora denomina "Gender Trouble".

Não dá para fazer uma tradução literal do termo, mas ao longo do texto vamos encontrar seu significado, por sinal bastante amplo. Deslocar a estrutura binária, falocêntrica e compulsoriamente heterossexual, que figura como eixo predominante quando a questão é gênero, produz sérias *confusões* nas pessoas, nas instituições, no poder público e jurídico, nos movimentos feministas, etc. Certas formulações de gênero (como as drag queens, dress-cross, queers,..) causam *encrenca, bagunçam* a estabilidade de noções, valores, atitudes que considerávamos parte da "natureza humana" como, por exemplo, a determinação sexual das pessoas (afinal, para determinar o sexo de uma criança bastava um ligeiro olhar para os seus órgãos genitais, e agora, o que caracteriza o sexo de alguém?). Sem dúvida, essa discussão toda gera muita instabilidade e o ideal, segundo Butler, é acolher com certa indulgência esses tremores que se instalam sob os nossos pés e procurar a melhor maneira de conviver com isso. ("I concluded that trouble is inevitable and the task, how best to make it, what best way to be in it".).

Butler dialoga com algumas pensadoras feministas, para quem os movimentos lésbicos e gays representam a maneira mais eficaz de desestabilizar a heterossexualidade e a universalidade histórica da categoria homem e mulher. Gênero para estas feministas significa uma "capa" cultural que reveste o sexo, considerado como base primeira, biológica.. Para estas feministas (especificamente Kristeva e Irigaray) citadas por Butler, Simone de Beauvoir havia iniciado toda esta discussão quando enfatizou a construção social da Mulher, postulando assim um olhar crítico quanto aos rótulos de fragilidade, baixa intelectualidade, inabilidade de atuar na esfera pública, etc, que acompanhavam a "fictícia" natureza feminina. Butler discorda parcialmente destas considerações pois esta dicotomia sexo/gênero, um representando a natureza o outro a cultura, pressupõe a existência de uma estrutura pré-discursiva, fora e

"Gender trouble"

anterior aos processos de significação. Esta essência estaria sendo sufocada com práticas opressoras tais como o patriarcado, e a inevitabilidade da maternidade, entre outras. Sexo para Butler é também um dos resultados (efeitos) das construções de gênero, que foi constituído e estabelecido como natural. ("this production of sex as the prediscursive ought to be understood as the effect of the apparatus of cultural construction designated by gender.")

O argumento de Butler é de que a manutenção desta postura estruturalista possui uma ambigüidade politicamente perigosa pois, ao mesmo tempo com que serve de justificativa dos movimentos que buscam a emancipação das mulheres e lutam pela tolerância para com as "identidades" ditas homossexuais; sustentam também, por outro lado, posturas deterministas (justamente aquelas que se tentava combater) que aceitam o gênero como expressão da "*sexualidade*" inerente ao corpo. Um exemplo clássico desta concepção determinista, mencionado no texto, é a compreensão jurídica de gênero, no qual a sociedade tem dois caminhos, ou reafirma ou distorce a natureza sexuada dos indivíduos. Estilhaços deste questionamento atingem também os trabalhos de antropólogos como Levi Strauss e psicanalistas como Freud e Lacan. Sob a ótica da autora, o estruturalismo e a psicanálise muito pouco contribuem para a ruptura com o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória sobretudo porque ignoram a historicidade do gênero e das próprias "ferramentas" conceituais e porque mantêm enquanto referência o eixo identitário.

A perspectiva identitária é um tema sugestivo e controverso e também tem sido foco de atenção das rodas "intelectuais" brasileiras, dentro e fora da acadêmica. Um testemunho recente deste debate é o deslocamento da categoria homossexual

para homoerotismo, proposto por Jurandir Freire³ quando este esboçou sua crítica à ética naturalista do francês André Gide (defensor do homossexualismo como tendência natural da sexualidade humana, buscava inverter o moralismo burguês mantendo sua premissa básica). Num outro extremo, em dezembro de 1994, o jornal Folha de São Paulo⁴ trouxe a tradução de várias resenhas publicadas no New York Times Book Review comentando livros sobre a prática do amor lésbico, a descoberta do cientista Dean Hamer a respeito do cromossomo que representaria o "gene gay", e o artigo do jornalista Roberty Wrigth apresentando uma visão neo-darwiniana das diferenças sexuais, retomando a eficácia da explicação biológica de determinados "fenômenos sociológicos". Essas diferentes resenhas tinham em comum o reforço de um certo naturalismo, seja delimitando a especificidade do desejo lésbico, seja divulgando as desesperadas tentativas de que a genética consiga explicar essas diferentes sexualidades que fogem à regra da heterossexualidade. Como contraponto segue, neste mesmo Caderno Mais a crítica de Contardo Calligaris que, se por um lado apresenta o gênero e a sexualidade como "totalmente desnaturada", mantém a dicotomia sexo/gênero intacta.

Praticamente um mês depois, o mesmo jornal retoma a temática através da organização de uma coletânea de poesias "homossexuais" dos mais variados estilos literários. Nas entrelinhas do artigo de Nelson Ascher, a homossexualidade não tem idade (existe desde a antigüidade) e nem nacionalidade (franceses, hispânicos, ingleses, norte-americanos, latinos) ou seja, é universal e possui códigos próprios de expressão muitas vezes ininteligíveis aos desavisados heterossexuais, sejam femininos ou masculinos, mas acaba cristalizando-os numa identidade completamente hermética. A entrevista com o poeta inglês Thom Gunn lança uma luz no túnel e permite

³ COSTA, J. Freire: "Impasses da ética naturalista: Gide e o homoerotismo", IN NOVAES, (org.): *Ética*. S.P. Cia. das letras; pp.275 a 288, 1992.

⁴ FOLHA DE S. PAULO: *Caderno Mais*, "A evolução tem Sexo", 11 de dezembro de 1994.

"Gender trouble"

aproximações com certas afirmações de Butler. Perguntado se ele acredita na "*possibilidade de haver uma poesia ou sensibilidade gays*" ele categoricamente responde que não, pois "*Essas são classificações temporárias que podem ter uma utilidade política, mas nunca acreditei numa sensibilidade gay.*"⁵ "Nem natural, nem eterna, Gunn compreende a identidade como suscetível à temporalidade das formações políticas e subjetivas. Essa possibilidade de fluidez das subjetividades descaracteriza o paradigma identitário, aproximando a concepção de Gunn a respeito de suas práticas erótico-afetivas, e à estilização dos seus gestos, gostos, ...; da noção de "*performance*" utilizada por Butler.

Uma das formas de subversão da identidade, de deslocamento dos paradigmas de gênero consolidados, se encontra neste espaço de reatualização contínua de gestos, vocabulário, imagens, etc, que compõem as marcas culturais de gênero (lembrando que para Butler gênero não é apenas o conjunto destas marcas, mas a própria ação de marcar). Neste sentido, as experiências das drag-queens, cross-dress, queers, gays, lésbicas, são formas potencialmente importantes porque jogam com a produção e recriação de novas relações sociais; mas segundo Butler é exagero apostar em que toda transformação se encontra nestas formas de produção da sexualidade, fora do eixo heterossexual . Primeiro porque essa parodização dos domínios masculinos-femininos pode ser tão autoritária quanto as relações heterossexuais tradicionais. Segundo, é possível também reinventar as relações de gênero dentro de um domínio heterossexual porque não é a heterossexualidade em si que está em questão mas a sua *compulsoriedade*, o seu status de verdade natural absoluta.

⁵ *Idem: Caderno Mais*, "O amor que diz seu Nome ", 15 de janeiro de 1995.

O entendimento que Butler tem de Gender Performance é de que não basta simplesmente acrescentar um terceiro gênero (homem, mulher, ?) aos padrões ético-morais. A autora sugere compreendermos gênero como ação, ação que se traduz tanto em identidades transitórias, quanto em matrizes discursivas e representações elaboradas durante o próprio ato de diferenciação da sexualidade. Esta prática é performática justamente porque possui um caráter dramático, volúvel (não necessariamente aleatório), e não supõe um sujeito com plena autonomia sobre si mesmo. Se o termo "dá conta do recado" ao qual foi destinado, ainda é cedo para sabermos, contudo, sua eficácia talvez resida nesta habilidade de nos mobilizar em torno deste desafio, pensar as formações de gênero e o alcance do próprio termo.